



**Site do autor: [livrosqueardem.com](http://livrosqueardem.com)**

## **PRÓLOGO**

### **Da vocação para o nada produtivo**

Antes que o leitor, sempre apressado, pergunte “quem é Natércia?”, devo adverti-lo de que a pergunta correta seria “para que serve Natércia?”. A resposta, no entanto, não consta nos manuais de utilidade pública nem nas cartilhas do progresso.

Natércia, 25 anos, nasceu sem vocação para o esforço. Não que fosse fraca; pelo contrário, possuía uma resistência admirável à fadiga moral. Onde outros se cansavam de não fazer nada, ela perseverava. Era, pois, uma

trabalhadora do repouso.

Em Maputo, cidade de luz impiedosa e verdades visíveis, Natércia sentia-se injustiçada. Não pela pobreza — essa convivência ela aceitava com resignação estética — mas pela clareza excessiva do sol, que insistia em revelar o que ela preferia sugerir.

Desde cedo, percebeu que a realidade é um péssimo fotógrafo: não respeita ângulos, ignora intenções e não aceita retoques. Decidiu, então, mudar-se para um lugar onde a vida fosse mais indulgente com a aparência.

Lisboa apresentou-se como solução natural: antiga, melancólica, um pouco cansada — como as pessoas que já desistiram de perguntar “para quê?”.

Natércia não emigrou. Reenquadrou-se.

### **Da partida como declaração de estilo**

A despedida foi breve, como tudo o que não pesa. A mãe chorou —

tradição maternal que Natércia respeitou com uma fotografia rápida, publicada com a legenda:

“Saudades antes mesmo de ir.”

— Vais ficar bem, minha filha — disse a mãe, limpando o rosto sem convicção.

— Vou, sim — respondeu Natércia, já testando o melhor ângulo da luz.

O pai falou de trabalho, de luta, de dignidade. Palavras grandes, pronunciadas em voz pequena.

— A vida não é fácil, Natércia.

— Eu sei, pai.

— É preciso batalhar.

— Claro.

Disse “claro” com a mesma fé com que se diz “amém” por educação.

— Em Portugal há oportunidades — insistiu ele.

— Sim — respondeu ela, já pensando na próxima publicação.

No aeroporto, sentiu-se importante. Aeroportos conferem esse efeito: fazem-nos parecer personagens de um destino, ainda que o destino seja apenas uma sala de espera maior.

Fotografou o passaporte, o bilhete, o café caro. Cada imagem era uma prova de que a decisão fora acertada. A vida, afinal, precisava saber que ela estava a viver.

Durante o voo, observou outros emigrantes: cansados, calados, cheios de planos. Sentiu por eles uma piedade superior — sentimento comum em quem não planeja nada.

### **Do desembarque e do choque entre a disciplina e o talento**

Lisboa recebeu Natércia com um frio educado, sem entusiasmo. Os primos aguardavam-na com pontualidade — defeito grave.

— Então ... a que horas costumava acordar? — perguntou a prima, fingindo casualidade.

— Depende do dia — respondeu Natércia.

— Mas normalmente?

— Normalmente, quando acordo.

A casa da margem sul era organizada até a tristeza. Tudo tinha função. Nada tinha sonho.

— Aqui começamos cedo — disse o primo.

— Que bonito — respondeu Natércia, com sincera admiração antropológica.

Às seis, a casa já funcionava. Às onze, quando Natércia despertou, o dia já tinha vivido sem ela — ofensa imperdoável.

— Dormiste bem? — perguntou a prima, num tom que já era acusação.

— Profundamente — respondeu Natércia. — E vocês, trabalharam felizes?

As crianças começaram a imitá-la no hábito mais subversivo: sentar-se sem culpa. O veredicto foi rápido.

Natércia precisava sair.

## **Da pedagogia brutal da rua**

A rua não tem paciência para vocações improdutivas. Ensina pela dureza, método antigo e eficaz.

O restaurante surgiu como solução temporária — e tudo o que é temporário tende a eternizar-se.

— Aqui não se para — explicou o gerente.

— Nem para pensar? — perguntou Natércia.

— Principalmente para pensar.

Lavava pratos, limpava mesas, recolhia restos de conversas alheias.

— Menina, anda! — gritava a cozinheira.

— Estou a ir — respondia ela, com calma estratégica.

O cheiro da fritura colou-se-lhe ao corpo como uma verdade persistente.

Tentou combatê-lo com perfumes baratos e frases otimistas.

Dormia num quarto improvisado, dividido com caixas, sacos e um silêncio que não respondia às suas perguntas mudas.

Mesmo assim, postava:

“Desafios fazem parte do crescimento.”

Nunca cresceu tanto sem sair do lugar.

### **Da tentação prática**

Houve noites em que Natércia calculou possibilidades. Não filosoficamente — ela não gostava de abstrações — mas logisticamente.

Conheceu mulheres que vendiam o corpo com método.

— Dá dinheiro — explicou uma delas.

— E cansa? — perguntou Natércia.

— Muito.

— Então não é para mim.

— Preferes continuar pobre?

— Prefiro continuar eu.

Preferia continuar pobre a trabalhar demais.

### **Do milagre algorítmico**

Manuel surgiu como surgem as soluções modernas: por acaso programado.

— Gosto de conversar contigo — disse ele.

— Também gosto de ouvir — respondeu Natércia, com verdade parcial.

Viúvo, reformado, dono de uma solidão confortável.

— Não procuras trabalho? — perguntou ele certa noite.

— Procuo paz — respondeu ela.

— Ah... isso eu posso oferecer.

Ela oferecia silêncio jovem, atenção seletiva e elogios cuidadosamente vagos.

Ele oferecia estabilidade.

Era um contrato sem papel.

### **Da resistência dos herdeiros**

Os filhos de Manuel farejaram perigo.

— O que fazes exactamente? — perguntou a filha, sorrindo sem alegria.

— Vivo — respondeu Natércia.

— Quero dizer... trabalhas em quê?

— Em manter tudo tranquilo.

— O meu pai está velho — disse o filho.

— Todos estamos — respondeu Natércia, com suavidade ofensiva.

O casamento ocorreu sem drama. O amor, quando não aparece, não atrapalha.

### **Da respeitabilidade adquirida por convivência**

A casa nova cheirava a herança futura. Natércia adaptou-se com rapidez

admirável.

— Estás bem aqui — comentou alguém.

— Estou adequada — respondeu ela.

Publicava menos. A felicidade discreta não exige prova constante —  
apenas manutenção.

### **Do envelhecimento útil**

Manuel esquecia datas, repetia histórias.

— Já te contei isto?

— Muitas vezes — dizia Natércia. — Mas gosto sempre.

Cuidar também é uma forma de investimento.

### **Do triunfo sem glória**

Um dia, postou apenas uma chávena de porcelana.

Legenda:

“Gratidão.”

Nada mais era necessário. O mundo entendeu.

### **Da impossibilidade da lição**

Se o leitor busca moral, ofereço-lhe uma desculpa: a vida não é um manual de ética; é um álbum mal organizado.

Natércia não venceu por mérito, nem perdeu por falha. Apenas esperou que a realidade se cansasse primeiro.

### **EPÍLOGO**

Onde o narrador se despede sem esperança

— Então, ela venceu? — perguntou-me alguém.

— Não — respondi. — Apenas não perdeu.

Se Natércia é feliz, ignoro. Sei que tem conforto, silêncio e boas fotografias.

E, neste século cansado, parecer bem adaptado é quase o mesmo que vencer.

O resto — trabalho, sacrifício, virtude — são histórias que contamos para justificar o cansaço.

**Fim.**